

## Rocha Pombo: uma leitura da América na virada do século XX

Profa. Dra. Naira de Almeida Nascimento (UTFPR)

### **Resumo:**

O nome de Rocha Pombo desponta na cultura paranaense como o referencial da geração que veio a constituir o primeiro grande marco literário no espaço regional e que foi responsável pela disseminação da estética simbolista em outras plagas, contrariando a onda hegemônica nacional do Parnasianismo. Na historiografia literária distinguiu-se com o romance *No hospício* (1905), classificado por vários críticos como um exemplo isolado da realização do Simbolismo na prosa brasileira. O romance revelaria, contudo, uma condição biográfica de insulamento experimentada por seu próprio autor no exílio auto-imposto no Rio de Janeiro, após um período de intensas frustrações enquanto jornalista e deputado na terra natal. Mas foi no domínio da historiografia que o intelectual, nascido em Morretes, filho de um professor da província, tendo ele mesmo iniciado sua vida profissional no magistério, tornou-se conhecido e vem merecendo pesquisas no Brasil. Motivado em grande parte pela questão educativa, de que é prova a concepção do primeiro projeto para a Universidade do Paraná, em 1892, ou a participação no projeto pioneiro da Universidade do Povo, em 1900, já no Rio de Janeiro, Rocha Pombo redigiu uma extensa obra voltada para o ensino da História, sendo seu público buscado desde as carteiras do ensino primário e ginásial. Essa perspectiva pode explicar em parte a reação negativa recebida por sua *História do Brasil* em dez volumes, com publicação a partir de 1905, e que ocuparam mais de dez anos de trabalho do escritor. Condenado pela corrente positivista, tutelada na historiografia por Capistrano de Abreu, coube a Rocha Pombo o desdém pela metodologia empregada que, em lugar da pesquisa direta às fontes, valia-se de releituras, e que, em vez do modelo ainda em curso, não enfatizava as figuras políticas de eminência, mas priorizava as expressões da cultura popular, ainda que sobre o conceito de popular pairasse uma projeção bastante abstrata. O forte espírito republicano que desde a juventude o animara rapidamente arrefeceu em meio às práticas políticas e no contato com o ambiente acadêmico. O ideal que moldava Rocha Pombo requeria transformações rápidas, mas os entraves políticos confirmavam o engessamento das estruturas do país. Verificam-se na sua produção muito heterogênea as muitas contradições que abalaram os homens de pensamento na virada do século XX: o pensamento em torno de uma hierarquia entre as raças, a violência responsável pelo processo de colonização, a ambiguidade diante do forte processo migratório europeu nos estados do sul, o impulso de regionalização a partir do período republicano e concomitantemente a expansão do Pan Americanismo de base monroísta. Através da análise do poema narrativo *A Guayrá* (1891), pretende-se pensar as questões colocadas por Rocha Pombo entre a Literatura e a História, sobretudo se considerarmos que cabe a ele também a primeira *História da América* (1899) publicada no Brasil.

**Palavras-chave:** Rocha Pombo; *A Guairá*; História da América; Séc. XIX; Pan Americanismo.

### **1 Introdução**

Considerado por alguns críticos como o tutor da geração simbolista paranaense, José Francisco da Rocha Pombo nasce em Morretes, no ano de 1857, cidade próxima ao litoral

paranguara e importante centro regional até finais do século XIX em razão da forte atividade marítima na escoação da erva mate, tendo perdido sua relevância para a capital, Curitiba, sobretudo a partir da emancipação política do Estado em 1853. Diferentemente de Paranaguá, Morretes conseguiu evitar a derrocada econômica até os nossos dias com uma forte política voltada para o turismo e também através da produção agrícola, centrada sobretudo em gêneros alimentícios, como a banana.

Em Morretes, Rocha Pombo atuou como professor primário, substituindo desde cedo o pai no ofício diante dos bancos escolares, com os seus dezoito anos. Pouco mais tarde, ingressa no jornalismo, função que desempenhou durante seus anos de maior atividade política no cenário paranaense, tendo fundado ainda em Morretes, em 1879, o hebdomadário *O Povo*, de inspiração republicana. Após uma breve estada na capital, transfere-se para a cidade de Castro, nos Campos Gerais, em 1883, onde funda mais um jornal, o *Eco dos Campos*, e também onde firma casamento com a companheira de toda a vida, Carmelita Madureira. Convidado e eleito deputado pelo Partido Conservador, em pouco tempo de mandato entrou em conflito com os representantes do Partido Liberal e também com seus próprios correligionários, em razão das propostas reformistas que contrariavam os interesses das classes oligárquicas, como a arrecadação de imposto de 1% sobre o valor imóvel das propriedades territoriais. (QUELUZ, 1998, p. 24-25).

Novamente em Curitiba, dá início a *O Diário Popular*, em 1887. A produção jornalística foi entremeada por ensaios como aqueles saídos em *A Supremacia do Ideal*, *A Religião do Belo*, ambos de 1883, e *Nova Crença*, de 1887. Dirigiu ainda os jornais *O Paraná* e o *Diário do Comércio*, este último de propriedade do Barão do Serro Azul, de quem Rocha Pombo tomou firme defesa no opúsculo *Para a História – notas para a Revolução Federalista*. No início dos anos 90 defendeu a instalação de colônias agrícolas na zona rural, obtendo inclusive um financiamento do Ministério da Agricultura, e também a criação da Universidade em Curitiba. Apesar de haver lançado a pedra fundamental em terreno doado para a finalidade, o projeto, por razões financeiras, só é concretizado cerca de duas décadas mais tarde. As decepções recorrentes e o isolamento político o impelem a sair da capital, fixando-se em Paranaguá. Colabora na época com as revistas mais representativas do cenário simbolista no Paraná, como *O cenáculo* e a *Club Curitibano*. No litoral, arrisca mais uma tentativa jornalística na publicação do periódico *Aurora*.

Mais uma vez, desencantado com a política local e com a recepção de seus textos, Rocha Pombo fixa nova residência, em 1897. Dessa vez no Rio de Janeiro, que já contava à época em seu meio cultural com alguns representantes da literatura e da crítica literária paranaense e amigos, como Nestor Vítor. Além de docente no Colégio Pedro II, atuou na Universidade do Povo, instituição de base socialista para atender a educação do proletariado, na disciplina de História Geral. Data desse período a sua fase mais produtiva como historiador, sendo responsável por uma variedade de títulos que o tornaram um marco na historiografia brasileira.

Resultado de um concurso promovido pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Rio de Janeiro no qual Rocha Pombo figurou como único candidato no Brasil, *A História da América* (1900) assinala na historiografia um novo impulso político, como esclarece Brasil Pinheiro Machado:

Contra um novo direito internacional que nascia da expansão imperialista das potências europeias, a diplomacia brasileira desligou-se da Europa e se aproximou de Washington, procurando revigorar o monroísmo. Nesse sentido, a diplomacia brasileira procurou convencer as nações latino-americanas, carregadas de sentimentos antiamericanos e sem confiança na política brasileira. Essa campanha tem aspectos políticos, diplomáticos e

também culturais. As nações latino-americanas se desconheciam inteiramente. É então, o próprio Itamarati que incentiva no meio intelectual brasileiro os estudos latino-americanos.

É com esse pano de fundo que o tema da América Latina entra nas cogitações da inteligência brasileira. Rocha Pombo foi um dos primeiros a tratar do assunto. (MACHADO, 1980, p. Xii).

Wilson Martins atenta para a influência que o livro de Rocha Pombo teria exercido sobre *A América Latina – Males de origem*, de Manuel Bonfim, que participou como relator do concurso. Ainda segundo Martins, Bonfim afirmara sobre a coincidência de sua interpretação do fenômeno com aquela apresentada por Rocha Pombo para concluir: “que os males atuais da América Latina não são mais que o peso de um passado funesto, conclusão que ora demonstro e documento, quando estudo os efeitos do *parasitismo das metrópoles* (sobre as colônias americanas).” (MARTINS, 1978, p. 274).

*O Paraná no Centenário* constituiu parte das comemorações do centenário brasileiro. Foi, a princípio, assumido pelo Centro de Letras do Paraná, tendo sido finalmente publicado às expensas do governo paranaense. Trata-se também de um trabalho pioneiro sobre a historiografia regional, sendo antecedido em apenas um ano da obra de Romário Martins, que, por sua vez, tinha em Rocha Pombo seu referencial teórico.

O mesmo espírito, traçar um panorama das culturas regionais como forma de expressar o federalismo brasileiro, animou a confecção de *A História da São Paulo* e *A História do Rio Grande do Norte*. “Depois, do que nos viesse dos Estados, faríamos a síntese grandiosa da vida nacional e aí teríamos, viva, palpitante, sublimada, a nossa epopeia de povo americano em quatro séculos de esforço e de trabalho.” (POMBO, 1980, p. 3).

Seu projeto mais ambicioso foi, contudo, *A História do Brasil*, com dez volumes, iniciada em 1905 e apenas finalizada com os dois últimos números em 1917. A sua recepção, em um meio essencialmente positivista, predispôs a uma reação negativa, proveniente sobretudo de Capistrano de Abreu que acusou a pouca preocupação do autor no tratamento com as fontes. Ou seja, o princípio científico e de pesquisa propalado pela vertente positivista estaria ausente no modelo historiográfico da coleção. A alegação de Rocha Pombo incidiu sobre a ideia de que a história brasileira deveria ser a história do povo em lugar da enumeração de batalhas, acontecimentos políticos e biografia de reis, modelo que já não mais se justificava. Para Pinheiro Machado, embora utilizando-se da arquitetura do trabalho de Varnhagen, o que de fato sobressai na obra de Rocha Pombo é o pensamento de João Francisco Lisboa, historiador maranhense.

Este, através da história do Maranhão, tinha estudado o município brasileiro no período colonial, onde mais concretamente aparecem as instituições sociais em ação. João Francisco Lisboa, contra a ideologia de Varnhagen que ressaltava a função das elites na formação da nacionalidade, concluía que o característico da formação brasileira era a opressão dos grupos dominantes, respaldados nas instituições tradicionais sobre a massa da população. (MACHADO, 1980, p. xvii).

Reavivava desse modo a concepção da filosofia da história romântica: “a história da humanidade é a história da luta pela liberdade”; pensamento que, ainda de acordo com Pinheiro Machado, “...viria de sua própria experiência de vida de provinciano, de homem pobre, de socialista”. (MACHADO, 1980, p. xvii).

Além desses títulos, Rocha Pombo assinou uma *História Universal*, em 1928, um volume da *História do Brasil*, em 1918, voltado para o curso fundamental e amplamente utilizado pelo público escolar, e uma crônica histórica, saída postumamente e abordando a Revolução Federalista, em 1980, denominada *Para a História*.

Normalmente lembrado como historiador, Rocha Pombo, contudo, construiu uma obra literária considerável tanto em número de títulos como na relevância dos temas tratados. Infelizmente, alguns títulos são de difícil localização até mesmo em bibliotecas paranaenses, como é o caso dos primeiros romances *A honra do Barão* (1881), *Dada ou a boa filha* (1882) e do poema *Marieta* (1896).

Publicado em 1991, mas, conforme frisa o autor, já concluído em 1886, *A Guairá* pode ser classificada como uma narrativa épica em doze cantos que narra o extermínio das nações indígenas nos territórios que hoje correspondem de forma aproximada ao estado do Paraná, em meados do séc. XVI. No período em que a ação é passada, a região era conhecida pelo nome de Guairá e, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, pertencia ao domínio espanhol. Esse território também foi palco de forte presença dos padres jesuítas que ali fundaram cerca de vinte reduções, destruídas sobretudo pela ação dos bandeirantes. Tendo merecido apenas uma edição ainda no século XIX, *A Guairá* nunca atraiu a atenção da crítica, o que se comprova na ausência total de estudos sobre ele, ainda que se considere a sua relevância temática e até mesmo a graça de muitos de seus versos, sem a gravidade normalmente atribuída ao formato épico.

O ano de 1892 assinala a publicação da coletânea de contos e poesias do autor, com o título *Visões*, e do romance *Petrucello*, outro exemplo de uma única edição. Pouco divulgado também, o pesquisador Gilson Queluz vê na trama do texto uma alegoria ao fracasso do indivíduo frente às forças da Modernidade. O romance, que parece conter muito de uma farsa burlesca, narra a vida de um comerciante estabelecido em Florença que, imbuído do sonho de conhecer o Oriente, decide abandonar a família, embarcar para a América e concretizar o projeto da escrita de sua grande obra: o poema *Deus no Tempo*. Apesar da faceta etérea, Petrucello obtém êxito nos negócios, tanto na sociedade que funda no Brasil como em terras norte-americanas. Continua a viagem pelo México, onde entra em contato com as ruínas da civilização asteca; pelo Equador, colecionando dados sobre os incas, terminando o périplo no Chile. Uma revolução ali rebentada força a evasão do grupo pelas cordilheiras até Mendoza e dali, de volta, para o Rio de Janeiro. No Brasil, surpreende-se com a mudança do regime político para o republicano. Desiludido, decide retornar à Europa e publica seu livro de viagens que granjeia pouquíssima repercussão. Encontra a esposa já casada com outro comerciante e, para preservar a dignidade da ex-companheira, parte em direção ao Oriente, não resistindo à tísica em plena Grécia.

Um dos projetos inconclusos do seu personagem Petrucello corresponderia à escrita da “Cidade dos Homens”, uma narrativa utópica e libertária em que os homens habitavam um cidade dirigida por sábios, obcecados com a crença total nas suas leis e otimistas de uma sociedade perfeita. Contudo, as leis não são obedecidas e os grupos de origens diversas passam a lutar pelo poder. O ambiente imaginado permite supor, segundo Gilson Queluz, uma semelhança às proposições positivistas (QUELUZ, 1998, p. 99) e justificaria o interesse de Rocha Pombo em aproximar-se dos anarquistas italianos da Colônia Cecília, fundada no interior do Paraná entre 1890, como também a publicação de artigos, já no Rio, em defesa dos anarquistas expulsos do Brasil por participarem em greves operárias (MACHADO, 1980, p. xi).

Cabe, no entanto, ao romance *No hospício* o vínculo do nome de Rocha Pombo à historiografia literária. Tendo obtido maior projeção até pelo número de edições, o que talvez possa ser explicado por ter sido primeiramente editado pela Garnier, no Rio de Janeiro (QUELUZ, 1998,

p. 11-12), o texto sugere um certo estranhamento até hoje pelo tema e pela composição. Conforme atenta Andrade Muricy, o fato de ter surgido numa época de predomínio materialista e naturalista (ANDRADE MURICY, 1973, p. 140).

Trabalhando com um tema caro aos anos da *Belle Époque* no Brasil, a loucura, *No hospício* debruça-se sobre o personagem Fileto, internado pela família por causas anti-sociais, mas que passa seus dias a ler e a conversar sobre a arte e a filosofia. O drama é narrado por um visitante do hospício que, intrigado com o personagem, simula sua internação para conhecer mais de perto o alienado e torna-se seu amigo. O livro vai sendo composto por um híbrido de textos como poemas, contos, dissertações filosóficas, o que torna sua recepção ainda mais reticente para a época. Tendo planejado juntos uma viagem ao Oriente, apenas o narrador logra o intento e, ao retornar, sem que houvesse encontrado a paz almejada, encontra Fileto já morto.

Conforme conclusão de Gilson Queluz: “*No Hospício* trata do crescente processo de medicalização da loucura. No Rio de Janeiro que se moderniza, as elites dirigentes procurarão criar novas táticas de controle da população, sendo o hospício o laboratório destas novas técnicas.” (QUELUZ, 1980, p. 135).

Diante de uma obra tão heterogênea, não causa espanto a perplexidade de uma crítica e a dificuldade de assimilar a produção do autor, ainda que essa crítica estivesse acostumada aos escritores polígrafos do século XIX. Rocha Pombo assinou ainda um *Dicionário de Sinônimos* (1914) e uma narrativa de viagem, *Notas de viagem* (1918). Eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 1933, já bastante fragilizado, tomou posse sem que houvesse cerimônia, vindo a falecer no mesmo ano.

## 2 A Guairá ou o canto à América

Para o leitor acostumado aos padrões do indianismo brasileiro, nomeadamente à prosa romântica, *A Guairá*, narrativa finalizada de acordo com seu autor, em 1886, revela-se um texto surpreendente logo de início por conta da perspectiva centrada no indígena e em seu mundo, que parece dirigir toda a ação.

Seguindo muito de perto o modelo formal de *Os Lusíadas*, o poema de Rocha Pombo inicia, como ocorre usualmente no gênero épico, com a proposição. As armas e varões assinalados lusitanos são substituídos pela “... raça heroica e triste / Que o sol da patria adora, e a liberdade / E o ermo à vil escravidão prefere” (*A Guairá*, Canto I, 1), ou seja, os índios, nomeadamente os indígenas habitantes do território da Guairá. A inspiração cabe, em lugar das Tágides do Tejo, aos gênios da floresta, que devem tocar o bardo para que ele possa narrar a “dor mais santa que já foi sentida”.

A partir da terceira estrofe, o autor lança mão de metáforas que constatarem o relativismo cultural, numa atitude também atípica diante das produções pseudo-nacionalistas em que o vínculo eurocêntrico acaba por se sobrepor. Compara o beduíno, que ama o deserto sem lamentar a ausência da primavera e que percebe nas ventanias a construção da sua própria textura, com o nativo brasileiro:

Assim da nova plaga o filho insano  
Impassível desdém aos esplendores  
Opõe de um outro mundo – deslumbrante  
Nos falsos labios da mentida gente.  
As florestas sem fim têm mais encantos,

E mais vale ser livre que ser grande;  
Mais do que ter na Europa a majestade  
De rei soberbo é ter na natureza  
Vasta, opulenta a majestade de homem.  
(*A Guáira*, Canto I, 4)

Apesar de “insano”, repare-se que não apenas a perspectiva do nativo em relação aos valores da sociedade ocidental é entendida como legítima, ou seja, tão valorosa como as outras, como também a “gente” branca aparece caracterizada com o adjetivo “mentida” e possuidora de “falsos lábios”. Logo a partida, tem-se assim delineada a dicotomia entre herói e antagonista do poema. A visão animalizada do nativo, encenada pela perspectiva do “branco”, também é lembrada pelo narrador: “E como as feras a tormenta assombra / Faz no deserto estremecer de espanto / Ao branco o filho das brasilias selvas.” (*A Guáira*, Canto I, 4).

Ainda que utilize a terceira pessoa, a voz narrativa coloca-se claramente partidária do drama indígena e todos os cantos estão centrados no espaço e nas ações perpetradas por ele. Em momento algum, a voz do branco irrompe para explicar ou justificar sua postura. A história da colonização também constitui o marco zero do relato, mas a visão explorada é a do indígena, para quem Colombo não passa de soberbo homem:

Chegavam Europeus à gentil terra,  
Que o Genovez soberbo já calcara.  
O alfange a infensa gente vai vencendo  
A trato avessa estranho. A paz se firma,  
Si faz-se escrava em prova de cordura.  
O litoral revolvem. Logo as matas  
Do interior do Continente invadem,  
Onde a ambição mais belas cousas sonha.  
Na Guayra se acolheu o Ibério altivo  
Em amistoso intento: assim concebe  
O selvagem vencer o duro peito  
Aos hóspedes brilhantes. Triste engano!  
Em pouco se apercebe, e o bem zelado  
O louco viu perdido. Nas florestas  
O áspero estrugir se espalha logo  
Do temeroso império que se implanta.  
(Canto I, 5)

A marca da violência colonizadora impera no registro ecoando um princípio orientador da obra de Rocha Pombo enquanto historiador: a denúncia do processo violento que construiu a história do Brasil e das demais histórias americanas. Segundo o poema, o domínio europeu não foi resultado da ingenuidade do índio ou da sua fraqueza, uma vez que este tentou usar a candura como meio de conhecer o outro e de aproximar-se a ele, ou seja, a obediência inicial respondia à intenção de diálogo e de partilha, num mundo que dispunha de tanta terra para todos: “...A terra é vasta, / E a infandas hostes pode bem dar couto / Sem a humanos vexar nas próprias tendas.” (Canto I, 5).

Exilados cada vez mais para o interior, os povos nativos viviam um período de paz, quando o sedioso conquistador, a mando da Europa, ameaça mais uma vez “aquele bom viver com Deus nos ermos...” (Canto I, 6).

Na sétima estrofe é apresentado o chefe Gatan em torno do qual reúnem-se os vários outros

chefes indígenas para deliberarem acerca da atitude a tomar diante da iminente invasão. Gatan recorda a fuga da sua nação dirigida pelo seu pai quando ainda era criança e que os levou do litoral até à Guairá e rememora em tom amargo a ofensiva branca:

[...] O tredo imigo  
Em mente urde vencer-nos pela astúcia:  
Qua *cangoçú* que em falso gesto, o bote  
Armou fingido e atroz. E demos água  
A estranhos como a irmãos. Correu o tempo.  
E agora vemos quanto nos promete  
Ortega a se sorrir! Covarde hispano!  
A tua língua é falsa como a serpe!...  
(Canto I, 9)

Já alquebrado nos anos, Gatan recorre ao filho Irapú, retornado finalmente a casa após vagarear por vários anos nos quais testemunhou a hostilidade do branco contra as etnias indígenas. Irapú narra o descontentamento dos muitos povos com que travou contato na viagem que o levou do litoral até a Quito, no Equador. Os chefes, indignados contra as notícias recém-chegadas de violações, decidem-se pela tentativa de formar uma Confederação frente ao colonizador. Já no canto III, a chegada de um índio tamoio marca a adesão desse povo aos da Guairá. Lembra o tamoio a guerra que já vêm travando com o emboaba. O enorme grupo parte, dividindo-se em duas forças: uma para Ontiveros e a segunda para Goyo-Covô. A potência da natureza comparece através dos rugidos das Cataratas ainda há dois dias de distância. Diante dos cadáveres vitimados pela guerra que vão encontrando, Gatan lança a imprecação, pressentindo já a trágica situação do seu povo:

[...] Ferozes homens!  
Ainda falais no vosso Deus brilhante...  
Ainda dizeis que aqui salvar-vos vindes...  
Não! Escondei o Tupan, e para sempre  
A tormentosa vida das florestas  
Preferiremos à opulenta vida  
Da vossa Hespanha... O nosso Deus é justo,  
Como um peito de pai sereno e puro  
O vosso é grande e belo. Nesta terra  
Vós sois bandidos, cuja lei é o crime;  
E nós somos irmãos: por um a vida  
Nós todos vos daremos. Já matastes  
Muitos dos nossos: morreremos, logo,  
Todos nós nesta arena, ou bem vingados  
Hão de ser eles!" [...].  
(Canto V, 4).

A ação principal do poema remete aos episódios ocorridos em meados do século XVII quando as reduções jesuíticas na região da Guairá foram invadidas e exterminadas pela expansão da ação bandeirante proveniente de São Paulo. É curioso notar que, não obstante sua presença significativa no território, os jesuítas não chegam a figurar na epopeia, diferentemente, por exemplo, de *O Uruguai*, de Basílio da Gama, em que assumem o papel de antagonistas da ação.

A fim de criar um clima uníssono com as nações indígenas americanas, o tempo é deslocado

para coincidir com o final do império inca, em meados do século XVI, através da luta sucessória entre os descendentes de Montesuma, os irmãos Ataliba e Huascar. Assim, o fundo histórico da narrativa ganha um certo acento mítico.

O Padre Antônio Ruiz de Montoya, em sua obra *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*, relata a invasão das hostes bandeirantes e a sofrida peregrinação que empreendeu juntamente com cerca de 12.000 índios evadidos das reduções de Santo Inácio e do Loreto rumo às províncias do Tape e do Uruguai. Do número inicial, apenas um terço chegou ao final da viagem.

O Pan-Americanismo da narrativa é ainda reforçado pela ideia do Caminho de Peabiru que perpassa a narrativa, seja nas andanças iniciais de Irapú, seja no traçado que as tribos tomam na interiorização de sua sociedade, seja ainda na trajetória a oeste dos povos da Guairá diante do confronto iminente. Após um sucesso temporário na região fronteira, a liga vê fugirem do forte cercado os chefes colonizadores, auxiliados por esforços chegados de São Vicente.

A peregrinação no poema continua em direção ao Peru. No caminho, celebram a aliança com outras nações americanas: “Intentam na vastíssima esplanada / De Cochabamba ver soberbo, invicto / Das mil nações do Continente unidas / Exército tremendo. Então veremos / Quem poderá vencer o nosso mundo.” (Canto 8, 7). Gatan nomeia seu filho Irapú para lutar ao lado dos peruanos que enfrentam enormes perigos com a guerra desagregadora na nação inca. Lá ele ouve o velho Salimanca que lhe conta a lenda das montanhas e a povoação dos mundos. Um sonho, entretanto, avisa-o de que os territórios da Guairá correm perigo. Irapú retorna com seu exército e na companhia de amigos, estando entre eles Inila, sua amada, que ficou a espera do herói desde a última partida. A chegada dos aliados anima os combatentes já derrotados na guerra, mas Gatan, ao ver a branca Inila acompanhando seu filho, percebe que o seu esforço é vão diante da influência do colonizador e o poema encerra com o seu suicídio, numa clara referência à imolação do povo indígena.

## **Conclusão**

Apesar do formato ultrapassado já na época de publicação, *A Guairá* surpreende pela representação que tece dos heróis e vilões. Considerando que a vaga das epopeias no Brasil demonstra um evidente declínio no período inicial do Romantismo, sendo o último texto de destaque provavelmente a obra de Gonçalves de Magalhães, *A Confederação dos Tamoios* (1956), a opção pelo gênero com certeza terá contribuído para seu alijamento no quadro das leituras no final do séc. XIX em que o romance ganha imenso espaço e mostra-se mais apto a representar a vida moderna.

Contudo, é assinalável como a sua obra responde às questões colocadas por sua época, um contexto de muitas solicitações, tais como a construção de uma república federatista, as proposições positivistas, em particular aquelas sobre nação e raça, a configuração do país, em especial do sul, com a entrada maciça de imigrantes europeus, o monroísmo e a natural reação ao antigo colonizador. Enfim, historiografia e literatura parecem constituir os instrumentos que o autor tinha disponíveis para montar o mapa desse projeto de país. Todavia, como salienta Pinheiro Machado, no plano da historiografia, seu nome foi sepultado desde a época que viveu:

Ele nunca é citado nem nunca foi criticado em crítica científica. Sua obra foi realmente encerrada no silêncio imposto pelo prestígio de Capistrano de

Abreu e de seus continuadores. E quando o fascínio científico da história positivista se diluiu, já sua obra parecia desatualizada, embora seus temas adquirissem grande atualidade. (MACHADO, 1980, p. xx).

Gilson Queluz, por sua vez, esclarece o sentido da produção literária do autor:

A importância do resgate da obra literária de Rocha Pombo justifica-se na peculiaridade de sua visão romântica de mundo. O romancista utiliza sua obra como arma de transformação. Ele que, como veremos, amargara o fracasso de outros instrumentos que utilizara, como a participação política e a produção jornalística, pretende uma comunhão espiritual com seu leitor, que o convença da viabilidade da instalação de sua sociedade utópica e igualitária. (QUELUZ, 1998, p. 12).

Podemos pensar, a partir dos extratos acima e da ideia de que como a história e a literatura alimentaram-se mutuamente na obra de Rocha Pombo, que o poema épico *A Guairá* serviu como modelo de inspiração alguns anos mais tarde na composição de *A História da América*, na condenação da violência predominante no período colonial e na defesa da hegemonia indígena, rompendo o círculo alimentado por José de Alencar em torno do mito sacrificial romântico (Bosi, 1992).

## Referências Bibliográficas:

- 1] ANDRADE MURICY, *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Brasília: INL, 1973.
- 2] BOSI, Alfredo. Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar. In: *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- 3] MACHADO, Brasil Pinheiro. Rocha Pombo. In: POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no centenário: 1500-1900*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980.
- 4] MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. vol. V. São Paulo: Cultrix, 1978.
- 5] POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no centenário: 1500-1900*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980.
- 6] \_\_\_\_\_. *A Guairá*. São Paulo: Tipografia da Companhia Editorial de São Paulo, 1891.
- 7] QUELUZ, Gilson Leandro. *Rocha Pombo: romantismo e utopias (1880-1905)*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998.
- 8] RUIZ DE MONTROYA, Antônio. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. 2.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.